

O PROJETO DO GRANDE CANAL DA NICARÁGUA¹

The great Nicaragua Canal project

Andrés Mora Ramirez*

A empresa chinesa HKND Group e o governo sandinista da Nicarágua divulgaram a trajetória definitiva do Grande Canal interoceânico: um traçado de 278 km de longitude, desde a desembocadura do Rio Ponta Gorda, na costa do Caribe, até a desembocadura do Rio Brito em Rivas, na do Oceano Pacífico. Trata-se de um dos mais ambiciosos projetos de engenharia da história moderna e, por essa mesma razão, desperta tanto dúvidas sobre seu impacto ambiental², como expectativas pelos benefícios diretos e indiretos que geraria para a economia do país centro-americano.

Em se concretizando sua construção, essa obra resultaria no apogeu de um velho sonho esboçado desde o final do século XIX pelo governo liberal de José Santos Zelaya, e cujo falido desenlace nessa época (quando Washington havia elegido o Panamá como o lugar onde seria traçado *seu* canal) marcou, em muitos sentidos, o desenvolvimento político deste país centro-americano durante o século XX, pois tornou insustentável o choque entre as aspirações comerciais e soberanas nicaraguenses e os interesses geoestratégicos imperialistas, em definitivo – dos Estados Unidos na América Central. Evidentemente, também serviu de “justificativa” às elites norte-americanas para invocar a Doutrina

¹ Traduzido por Mariana Yante B. Pereira.

* Pesquisador do Instituto de Estudios Latinoamericanos e do Centro de Investigación y Docencia em Educación da Universidad Nacional de Costa Rica.

² Sobre a temática dos impactos ambientais, consultar PIANZOLA, Natalia. *Las dudas ambientales sobre el proyecto chino del canal de Nicaragua*. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/mundo/noticias/2014/05/140506_ciencia_canal_nicaragua_dudas_ecologicas_np.shtml>. Acesso em: 20 mar. 2015.

Monroe e empreender suas reiteradas práticas de intervencionismo econômico, político e militar.

Mas, antes disso, a possibilidade de construir um canal na Nicarágua já havia sido contemplada pelas potências imperiais europeias desde o século XVII. Em outras palavras, o projeto do canal tem como plano de fundo histórico as disputas interimperialistas que definiram, em boa parte, a inserção subordinada da América Central no cenário do sistema internacional, desde o século XIX, até nossos dias. O historiador costarricense Rodrigo Quesada, em seu estudo sobre a presença do império britânico em nossos países, afirma que “o imperialismo sempre viu na América Central a possibilidade mais real de construir um canal interoceânico, e isto, desde a segunda parte do século XVI, sempre foi a razão mais essencial para dar boas-vindas aos centro-americanos à comunidade internacional. As consequências desta recepção estão à vista para quem queira”.

Hoje, essa *comunidade internacional* volta a pôr seus olhos – e seus interesses, não há dúvidas – na América Central, mas já não são os mesmos atores do passado: empresas públicas e privadas da China, Rússia e Irã, e inclusive dos Estados Unidos, já têm manifestado suas intenções de financiar e participar da megaconstrução. Nossa região poderia converter-se, assim, no destino de uma impressionante mobilização de capitais, como nunca se haveria conhecido nessas latitudes: no lapso de treze anos, desde o início das obras de ampliação do Canal do Panamá em 2007, até a data prevista para a finalização do Grande Canal da Nicarágua, no ano de 2020, se haverão investido mais de 50 bilhões de dólares, levando em conta os custos iniciais orçados e os imprevistos.

Que implicações geopolíticas terá para a Nicarágua a operação dessa via, no nível de suas relações diplomáticas com os Estados Unidos – que consideram o governo sandinista como “hostil” a seus interesses – e com outros países e blocos regionais? À vista do que ocorreu no Panamá e de sua larga luta pela recuperação da soberania sobre a rota interoceânica, de que maneira o modelo de concessão da construção e exploração do Canal durante cinquenta anos, prorrogáveis por outro meio século, permitirá à Nicarágua fortalecer-se como Estado, recrudescer suas receitas fiscais e reinvesti-las no desenvolvimento social e material do País?

São questionamentos que permanecerão abertos, e somente na medida em que avancem as obras e os acontecimentos políticos, sociais e ambientais relacionados a estes, poderemos elucidar as perguntas formuladas. Por ora, a única evidência é de que as dinâmicas do mundo que muda e que se reconfigura de forma acelerada, e que avança até a consolidação da multipolaridade no sistema internacional, expressam-se com força na América Central.

No entanto, o fato de que o projeto do Grande Canal se conceba a partir de uma perspectiva política e estratégica diferente daquela que, no início do século XX, se impulsionou por todos os meios – legais e espúrios – no Canal de Panamá para afiançar o domínio do istmo por parte dos Estados Unidos, já é um sinal auspicioso. Tomará que o povo nicaraguense e suas lideranças políticas, qualquer que seja sua filiação ideológica, compreendam a importância do momento histórico e das novas condições que o contexto global oferece para o Grande Canal; que sejam vigilantes sobre sua execução em todos os âmbitos, no resguardo de seu patrimônio ambiental e, sobretudo, que nos permitam que a promessa de bem-estar que se anuncia não seja arrebatada por ninguém.

EL PROYECTO DEL GRAN CANAL DE NICARAGUA

The great Nicaragua Canal project

Andrés Mora Ramírez*

La empresa china HKND Group y el gobierno sandinista de Nicaragua dieron a conocer la ruta definitiva del Gran Canal interoceánico: un trazado de 278 km de longitud, desde la desembocadura del río Punta Gorda, en la costa del Caribe, hasta la desembocadura del río Brito en Rivas, en la costa del Océano Pacífico. Se trata de uno de los más ambiciosos proyectos de ingeniería de la historia moderna, y por esa misma razón, despierta tantas dudas sobre su impacto ambiental¹ como expectativas por los beneficios directos e indirectos que generaría para la economía del país centroamericano.

De concretarse su construcción, esta obra culminaría un viejo sueño esbozado desde finales del siglo XIX por el gobierno liberal de José Santos Zelaya, y cuyo fallido desenlace en esa época (cuando ya Washington había elegido a Panamá como el sitio de trazado de *su* canal) marcó en mucho sentidos el desarrollo político de este país centroamericano durante el siglo XX, pues hizo insostenible el choque entre las aspiraciones comerciales y soberanas nicaragüenses, y los intereses geoestratégicos–imperialistas, en definitiva– de Estados Unidos en América Central. Por supuesto, también le sirvió de “justificación” a las élites norteamericanas para invocar la Doctrina Monroe y emprender sus reiteradas prácticas de intervencionismo económico, político y militar.

* Pesquisador do Instituto de Estudos Latinoamericanos e do Centro de Investigação y Docencia en Educación da Universidad Nacional de Costa Rica.

¹ A cerca de la temática de los impactos ambientales, consultar PIANZOLA, Natalia. *Las dudas ambientales sobre el proyecto chino del canal de Nicaragua*. Disponible: <http://www.bbc.co.uk/mundo/noticias/2014/05/140506_ciencia_canal_nicaragua_dudas_ecologicas_np.shtml>. Acceso en: 20 mar. 2015.

Pero antes de esto, la posibilidad de construir un canal en Nicaragua ya había sido contemplada por las potencias imperiales europeas desde el siglo XVII. Es decir, el proyecto del canal tiene como telón de fondo histórico las disputas inter-imperialistas que definieron, en buena medida, la inserción subordinada de América Central en el escenario del sistema internacional, desde el siglo XIX hasta nuestros días. El historiador costarricense Rodrigo Quesada, en su estudio sobre la presencia del imperio británico en nuestros países, afirma que “el imperialismo siempre vio en América Central la posibilidad más real de construir un canal interoceánico, y esto, desde la segunda parte del siglo XVI, siempre fue la razón más esencial para darle la bienvenida a los centroamericanos a la comunidad internacional. Las consecuencias de esta bienvenida están a la vista para el que quiera”.

Hoy, esa *comunidad internacional* vuelve a posar sus ojos –y sus intereses, qué duda cabe– en América Central, pero ya no son los mismos actores del pasado: empresas públicas y privadas de China, Rusia, Irán e incluso de los Estados Unidos, ya han manifestado sus intenciones de financiar y participar de la megaconstrucción. Nuestra región podría convertirse así en el destino de una impresionante movilización de capitales, como nunca se había conocido en estas latitudes: en el lapso de 13 años, desde el inicio de las obras de ampliación del Canal de Panamá en 2007, hasta la fecha prevista de finalización del Gran Canal de Nicaragua, en el año 2020, se habrán invertido más \$50 mil millones de dólares, tomando en cuenta los costos iniciales presupuestados y los imprevistos.

¿Qué implicaciones geopolíticas tendrá para Nicaragua la operación de esta vía, a nivel de sus relaciones diplomáticas con los Estados Unidos –que consideran al gobierno sandinista como “hostil” a sus intereses– y con otros países y bloques regionales? A la vista de lo sucedido en Panamá y su larga lucha por la recuperación de la soberanía sobre la ruta interoceánica, ¿de qué manera el modelo de concesión de la construcción y explotación del Canal durante 50 años, prorrogable a otro medio siglo, le permitirá a Nicaragua fortalecerse como Estado, engrosar sus ingresos fiscales y reinvertirlos en el desarrollo social y material del país?

Son cuestionamientos que permanecerán abiertos y solo en la medida que avancen las obras y los acontecimientos políticos, sociales y ambientales relacionados con estas, podremos ir dilucidando las inte-

rrogantes. Por ahora, lo único claro es que las dinámicas de un mundo que cambia y se reconfigura aceleradamente, y que avanza hacia la consolidación de la multipolaridad en el sistema internacional, se expresan con fuerza en América Central.

Con todo, el hecho que el proyecto del Gran Canal se conciba desde una perspectiva política y estratégica diferente a la que, a inicios del siglo XX, se impuso por todos los medios – legales y espurios – en el Canal de Panamá para afianzar el dominio del istmo por parte de los Estados Unidos, es ya un signo halagüeño. Ojalá el pueblo nicaragüense y sus dirigencias políticas, cualquiera sea filiación ideológica, comprendan la importancia del momento histórico y de las nuevas condiciones que el contexto global ofrece para el Gran Canal; que sean vigilantes de su ejecución en todos los ámbitos, del resguardo de su patrimonio ambiental y, por sobre todo, que no permitan que la promesa de bienestar que se augura les sea arrebatada por nadie.